

INTELIGIBILIDADE FONOLÓGICA DE APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS: UM ESTUDO COMPARATIVO

ANNA JÚLIA KARINI MARTINS¹; LETÍCIA STANDER FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas– annajuliakarini@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticiastander@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A língua inglesa vem sendo cada vez mais utilizada para comunicação internacional e, portanto, em interações com falantes nativos e estrangeiros do idioma. Como consequência, os objetivos e necessidades dos aprendizes de língua inglesa no que diz respeito à pronúncia também se modificaram. O que se observa na atualidade é a busca por uma pronúncia que seja “confortavelmente inteligível”¹ e não igual a de um falante nativo.

Frente a esse novo padrão, diversos estudos em inteligibilidade de fala têm sido realizados, a partir de diferentes métodos de coleta e análise de dados e com a participação de diferentes grupos de falantes e ouvintes. No contexto brasileiro, uma das principais pesquisadoras sobre o assunto é Cruz (2003, 2006a, 2006b, 2007, 2008, 2011, 2014).

O presente estudo visa a comparar o modelo fonológico inicial para o ensino de pronúncia apresentado por Cruz (2011), que elenca os principais tipos de desvios fonológicos encontrados na fala de aprendizes brasileiros por ordem de prioridade e os desvios na fala de aprendizes brasileiros de inglês (todos universitários e residentes nas cinco regiões do país) na avaliação de falantes nativos do idioma, todos Assistentes de Ensino Americanos (ETAs²) vinculados ao Programa Idiomas sem Fronteiras (IsF).

2. METODOLOGIA

Os dados foram coletados a partir de um formulário *online* respondido por 22 Assistentes de Ensino Americanos. O questionário incluía questões como (1) tempo de contato com a língua portuguesa; (2) conhecimento de outras línguas estrangeiras; (3) experiências prévias com o ensino da língua inglesa para estrangeiros e (4) desvios de pronúncia na fala dos brasileiros que prejudicam o fluxo de interação como, por exemplo, acentuação, intonação, sons vocálicos e sons consonantais.

No que diz respeito ao conhecimento de línguas estrangeiras, notou-se um padrão entre os informantes americanos: todos, exceto dois, falavam espanhol, português ou os dois idiomas. As respostas formecidas pelos dois informantes fora desse padrão foram excluídas da análise dos dados.

Realizado o levantamento dos desvios fonológicos mais citados pelos informantes como aqueles que dificultam e/ou impedem a inteligibilidade de fala em interações com brasileiros, traçou-se uma comparação entre esses

¹ Termo utilizado por Abercrombie (1956), que define “confortavelmente inteligível” como uma pronúncia possível de ser entendida sem muito esforço.

² *English Teaching Assistants* (ETAs) são intercambistas norte-americanos que atuam como assistentes de ensino em universidades brasileiras, através de uma parceria entre Fulbright e MEC.

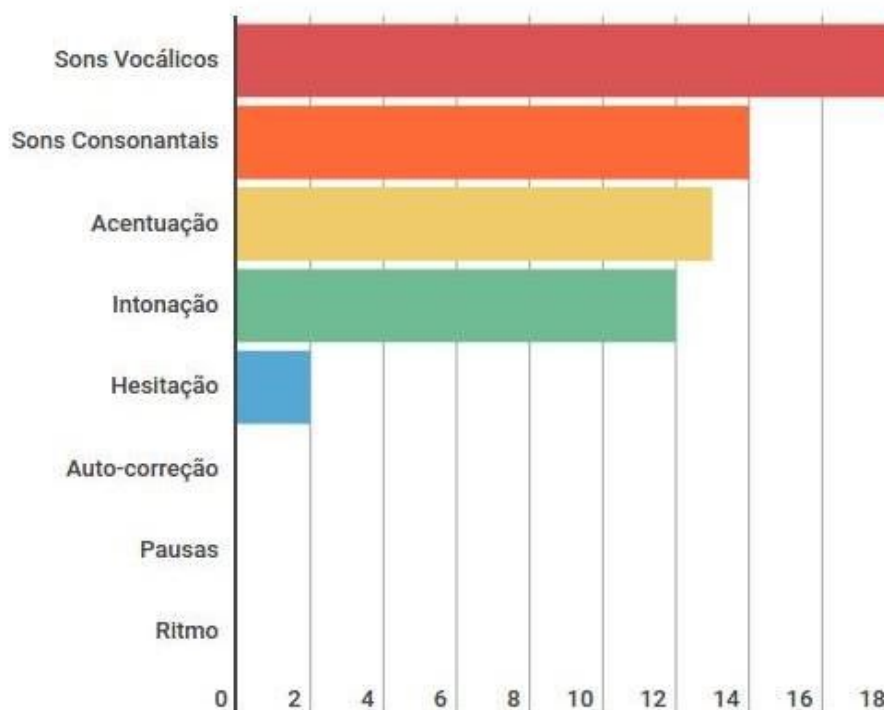
resultados e a ordem de prioridade dos desvios do modelo fonológico de Cruz (2011).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em geral, os resultados indicam que sons vocálicos (como /i/ e /I/) e sons consonantais (como /r/ e /l/) são os itens que mais dificultam a inteligibilidade de fala entre falantes nativos americanos e estudantes universitários brasileiros, independentemente da região do país a que pertencem e/ou vivem.

Como pode ser observado na Figura 1, dezoito dos vinte ETAs marcaram o item sons vocálicos como aspecto fonológico que afeta a inteligibilidade, quatorze indicaram sons consonantais, treze marcaram acentuação, doze intonação e dois hesitação. Nenhum dos vinte informantes apontou auto-correção, pausas e ritmo como aspectos que afetassem a inteligibilidade. Com base nesses resultados, é possível sugerir que o ensino de pronúncia para brasileiros concentre-se em aspectos segmentais para então atentar para aspectos supra-segmentais, seguindo a seguinte ordem (1) prática de sons vocálicos, (2) prática de sons consonantais, (3) acentuação, (4) intonação e (5) hesitação.

Figura 1: Tipos de desvios indicados pelos informantes



Tais resultados apontam para uma ordem de prioridade de ensino de pronúncia diferente daquela proposta no modelo fonológico inicial de Cruz (2011). Em seu estudo, Cruz indica as seguintes categorias em ordem de prioridade: (1) desvios de acentuação de palavras (2) desvios resultantes da

interferência da grafia (3) produção inapropriada de consoantes (4) produção inapropriada de vogais e, por fim (5) inserção de vogais.

Vale ressaltar que muitos dos desvios fonológicos citados por Cruz como resultantes da *influência da grafia* (como por exemplo, letra <u> pronunciada como [u] no lugar de /ʌ/ em *production*) são citados pelos assistentes de ensino americanos como resultantes da *produção inadequada de sons vocálicos* (letra <u> pronunciada como [u] no lugar de /ʌ/ em *study*). Especula-se que essa seja uma das razões pelas quais a categoria *sons vocálicos* tenha sido citada por 90% dos participantes desse estudo: duas categorias distintas aos olhos de Cruz (2011) foram convertidas em uma única por nossos informantes.

Situação semelhante é observada entre as categorias *inserção de vogal*, apontada por Cruz (2011) como a última na escala de relevância para o ensino de inglês, e *produção inadequada de sons consonantais*. No presente estudo, 70% dos informantes que responderam ao questionário apontaram desvios relacionados a sons consonantais como responsáveis por afetar a inteligibilidade de fala. No entanto, quando solicitados a ilustrar o caso, referiram, por exemplo, à produção da plosiva alveolar /t/ em final de sílaba, alegando que muitos brasileiros a produzem como [ti] ou ainda como a forma palatalizada [tʃi]. Novamente, duas categorias distintas segundo Cruz (2011) foram apontadas como uma única categoria pelos assistentes de ensino americanos.

No que diz respeito à categoria *acentuação de palavras*, entendida por Cruz (2011) como a de maior relevância para o ensino de inglês, 65% dos assistentes de ensino americanos a apontaram como causadora de dificuldades de compreensão em interações com brasileiros, sem, no entanto, recordarem situações em que falhas na comunicação tenham se dado em função do acento.

À parte dessas diferenças e de suas possíveis origens, a maior desigualdade apresenta-se na categoria *intonação*, citada por 60% dos assistentes de ensino americanos, mas desconsiderada nas categorias propostas por Cruz. Embora, nesse estudo, os mais citados também tenham sido fatores segmentais, intonação é um fator suprasegmental que, inclusive, pode influenciar a percepção de desvios segmentais, tornando-os mais ou menos inteligíveis.

É importante destacar que a forma como os dados de fala foram elicitados nos dois estudos pode ter contribuído para as diferenças encontradas, bem como a nacionalidade dos falantes nativos de inglês participantes. No presente estudo os dados analisados foram exclusivamente baseados nas respostas *online* fornecidas por 20 informantes americanos, nas quais deveriam recordar situações em que a inteligibilidade de fala foi afetada nas interações diárias com aprendizes brasileiros de inglês. No estudo de Cruz (2011), os dados analisados foram obtidos a partir das reações e/ou transcrições feitas por falantes nativos de inglês a situações gravadas e entendidas pela pesquisadora como causadoras, em potencial, de dificuldade de compreensão. Participaram do estudo de Cruz ouvintes americanos e ingleses.

4. CONCLUSÕES

A partir das comparações aqui apresentadas pode-se constatar que as diferenças entre o modelo proposto por Cruz (2011) e os resultados encontrados a partir do formulário *online* respondido pelos assistentes de ensino americanos podem ter se dado em virtude (i) da forma como os dados foram coletados, (ii) da forma como os dados foram organizados em categorias, (iii) da nacionalidade dos ouvintes, embora todos sejam falantes nativos de inglês, (iv) da experiência dos ouvintes com o ensino de inglês e (v) do fato de os ouvintes serem falantes de espanhol e/ou português como língua estrangeira.

A influência da *intonação* no grau de inteligibilidade de fala de aprendizes brasileiros de inglês, principal diferença encontrada entre os dados analisados, deve ser mais bem explorada em estudos futuros que envolvam gravações de interações entre falantes e ouvintes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cruz, N. C. An explanatory study of pronunciation intelligibility in the Brazilian Learner's English. **The ESpecialist**, 24(2). p. 155-175, 2003.

_____. Inteligibilidade de pronúncia no contexto de inglês como língua internacional. **Revista Intercâmbio**. v. 15, 2006a.

_____. Pronunciation intelligibility in Brazilian learners' English. **Claritas**. v. 12, n;1, 2006b.

_____. Terminologies and definitions in the use of intelligibility: state-of-art. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 7(1). p. 149-159, 2007.

_____. Familiaridade do ouvinte e inteligibilidade da pronúncia de aprendizes brasileiros de inglês. **Horizontes de Linguística Aplicada**. V. 7, 2008.

_____. Inteligibilidade fonológica de aprendizes brasileiros de inglês. **ANAIS ELETRÔNICOS IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 2011.

_____. Inteligibilidade e o ensino da pronúncia do inglês para brasileiros. in: BRAWERMAN-ALBINI, A.; GOMES, M.L. **O Jeitinho Brasileiro de Falar Inglês Pesquisas sobre a pronúncia do inglês por falantes brasileiros**. Campinas: Pontes Editores, 2014. p. 239-251.

DERWING, T.M.; MUNRO, M.J. Accent, intelligibility, and comprehensibility. **Studies in Second Language Acquisition**, 19, p. 1-16, 1997.